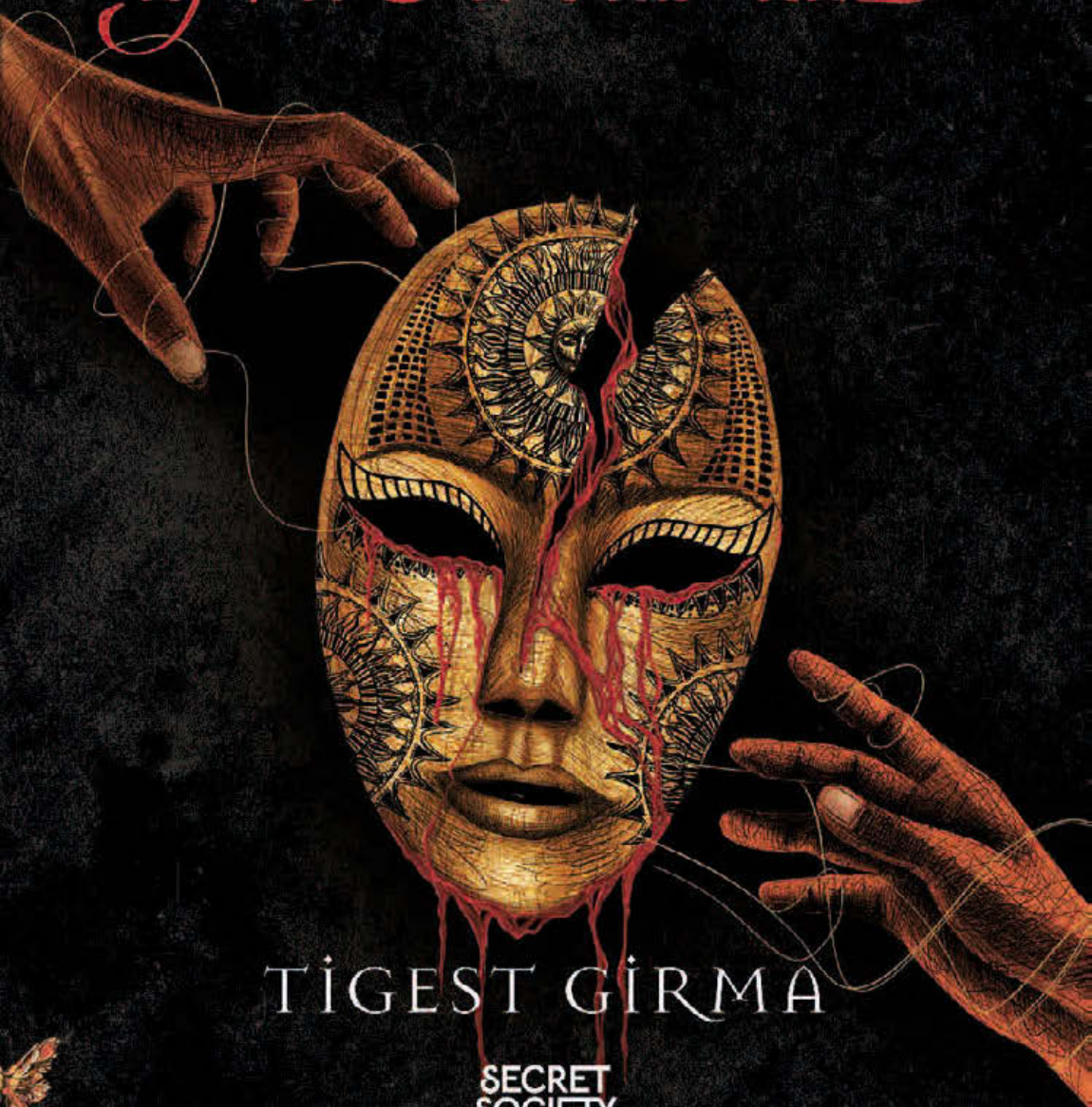


# RUÍNAS IMORTAIS



TIGEST GIRMA

SECRET  
SOCIETY

**SECRET SOCIETY**

## **TRIGGER WARNINGS**

Abuso

Ideação suicida

Luto e perda

Morte

Sangue e cenas gráficas

Trauma

Violência

PARA AS JOVENS NEGRAS QUE AMAM  
INTENSAMENTE E MERECEM SER AMADAS.

&

PARA AS RAPARIGAS *HABESHA* QUE  
SONHAM COM O SEU LAR.

AVISO DE CONTEÚDO: *RUÍNAS IMORTEIS* CONTINUA  
A HISTÓRIA DE KIDAN ADANE PELOS MEANDROS DA  
UNIVERSIDADE UXLAY, COM OS SEUS COMPANHEIROS  
VAMPIROS. A OBRA INCLUI TEMAS PESADOS, COMO ABUSO  
PARENTAL, CONSUMO DE SANGUE, MORTE, BRUTALIDADE,  
ASSASSINATO, LINGUAGEM EXPLÍCITA E VIOLÊNCIA.  
LEITORES, O NOVO SEMESTRE COMEÇA AGORA.



# Lições do Último Sábio

## Sobre a Origem dos Vampiros

---

Como tudo o que é destrutivo, ele veio do abismo.

O abismo estende-se entre duas montanhas que se cruzam, confundidas por um conjunto imóvel de nuvens negras. No entanto, os povos nativos dessas montanhas sabem duas verdades:

Uma, o que quer que caia no abismo nunca regressa. Nenhum vestígio de osso é encontrado no fundo dos penhascos. Os corpos humanos desaparecem como que dobrados no universo, para nunca mais serem vistos.

Dois, na noite de um eclipse, um homem emergiu do abismo, com a pele escura como a noite e o cabelo branco como as estrelas. Trazia a morte debaixo dos pés, e cada lâmina de erva em que tocava murchava, apodrecendo a terra por baixo dela.

Antes do aparecimento daquele homem, o maior predador dos aldeões naquelas montanhas tinham sido os leões, mas mesmo essas bestas sangravam quando eram atingidas — não esta criatura. Nenhuma arma, flecha ou lança lhe perfurava a pele de ferro. Os nativos fugiam, mas o chão enegrecido prendia-lhes as pernas, mantendo-os indefesos enquanto a criatura abria a boca rasgada e mostrava as presas, drenando-lhes o sangue enquanto gritavam.

Chamavam-lhe Varos, o Leão da Noite.

O Primeiro Vampiro.

Após anos de sangue e morte, o abismo ofereceria mais uma alma. Este homem usava uma máscara brilhante e um anel vermelho, com armas de prata presas ao corpo. As plantas dos pés brilhavam como bolas de sol e, por onde andava, a terra sarava, a podridão tornava-se de imediato um verde exuberante.

Os nativos caíram de joelhos e choraram. Finalmente, a salvação estava ali.

Chamaram-lhe Yonas, o Pássaro do Sol.

O Primeiro Sábio.

# 1.



## KIDAN



MORTE AGUARDAVA NA CASA DE KIDAN ADANE, E NESSA NOITE iria arrepender-se de a ter visitado.

Fechada numa das salas privadas da oficina de carpintaria e metal do edifício da Faculdade de Artes, Kidan terminou a releitura de *Armas das Trevas* e agarrou no instrumento que mataria vampiros.

Um chifre de impala.

Nessa noite, Samson Sagad iria morrer.

E Kidan usaria finalmente o fogo do inferno para libertar a irmã das suas garras.

Pensar em June fez-lhe tremer os dedos, e um quadrado familiar surgiu em cima da secretária. Kidan abanou a cabeça, ajustou os óculos de proteção e concentrou-se.

Primeiro, Samson tinha de morrer.

Os dedos dela cheiravam a cinza de charuto, mas nem o fantasma da Mamã Anoet conseguia alcançá-la naquele lugar. Durante três horas por dia, Kidan subia à sala do quarto andar, de onde se avistava o Cemitério Ahnd, trancava-se lá dentro e raspava um chifre curvo de impala numa pedra de amolar, libertando lascas dos restos do animal. Era um trabalho árduo, mas o ato de desfazer um objeto, mesmo um como aquele, dava-lhe paz

de espírito. Por vezes, imaginava-se a destruir um objeto apenas com as mãos. Quase acontecera uns dias antes, quando June lhe surgira à porta com o maldito Samson. Entortara o puxador de metal com o aperto da mão. Desde então, ela voltara a procurar aquele sopro de poder, desejando destruir coisas apenas com o toque. Mas parecia que apenas a raiva que sentia por June o conseguia despertar.

Com uma das mãos, Kidan juntou as aparas para a palma da outra em forma concha na beira da secretária, e depositou-as num pequeno copo preto. Alcançou um maçarico e um par de luvas grossas, mas deteve-se por um instante, de olhar preso na secretária vazia à sua frente.

De repente, veio-lhe à memória Susenyos, debruçado sobre os artefactos que ela tinha destruído, com o sobrolho franzido entre as sobranceiras direitas, enquanto a ensinava a consertar os objetos partidos.

A última vez que tinham falado fora há quatro dias, no início das férias de inverno, no dia em que June lhe aparecera à porta. Eles eram agora aliados, tinham concordado em trabalhar juntos para dominar a casa. Então, por que razão ele partira de repente?

Dissera-lhe para esperar até que voltasse, e nada mais.

Kidan levou a mão ao pescoço ao lembrar-se do ardor da mordida dele no Banho de Arowa. Da silhueta robusta do corpo dele sob a camisa encharcada, impossivelmente perto do dela. Sacudiu a cabeça, tentando afastar as imagens. Mas quanto mais ele demorava a voltar, mais ela regressava às conversas antigas e aos toques incendiários, e dissecava-os sob um microscópio para tentar perceber em que pé estavam.

Ele tinha dito que não a culpava pela perda da sua imortalidade na Casa Adane. Mas também não a tinha tocado desde então.

Nos seus momentos mais sombrios, Kidan pensava que ele a tinha deixado para trás. Susenyos fugia de alguma coisa. Um



perigo que não lhe revelava. Algo que preocupara tanto os seus pais que lhe tinham imposto uma lei severa, impedindo-o de deixar Uxlay. Mas o medo da lei da Casa Adane não conseguia manter Susenyos preso para sempre.

Ele era agora humano.

Em todas as divisões da Casa Adane.

A mão de Kidan tremeu levemente quando a chama azul do maçarico despertou como uma pequena lança a iluminar-lhe o rosto.

*Espera por mim antes de fazeres seja o que for*, dissera ele.

A paciência nunca fora o forte de Kidan.

Ela aproximou o fogo à base do copo e observou as aparas a contorcerem-se num esforço de escapar ao calor, antes de se tornarem cinzas.

O suor perlava-lhe a testa enquanto trabalhava. Os gestos repetiam-se — raspar, queimar, recolher a cinza, e deixar que os pensamentos desaparecessem. Precisava de uma grande quantidade de cinza de chifre de impala. Pelo menos um saco cheio.

E, naquele dia, estava pronta.

A seguir vinha a parte complicada.

Kidan alargou a boca de um balão preto e, com cuidado, verteu as cinzas de impala. Depois de o atar, ergueu-o no ar com um sorriso. Tinha agora sete balões cheios de cinza de chifre de impala.

Limpou a secretária com desinfetante e saiu da sala com os cordões dos balões seguros na mão.

O campus da Uxlay estava deserto. A maioria dos estudantes encontrava-se de férias em África, a visitar parentes distantes. Não era, porém, o caso de Slen e Yusef, que esperavam pela chamada de Kidan.

Ela consultou de novo o relógio. Como ex-vampiros degenerados, Samson, Arin e Warde eram obrigados a cumprir três horas



diárias de integração. Kidan bem podia agradecer ao Professor Andreyas por lhe conceder tamanha liberdade.

A sul das Torres Arat, a Casa Adane erguia-se como uma criatura exausta e em decadência. Kidan não sentia o mesmo impulso de a incendiar como com a sua casa de infância. Sem dúvida que abrigava mais maldade do que a casinha da Mamã Anoet e enchia-lhe as noites com visões aterradoras. No entanto, havia dias, raros, em que o sol escondia os painéis de madeira velhos e fazia-a parecer intemporal. Aquela casa fazia parte de Uxlay há gerações, passada pelos seus antepassados como a única coisa tangível que ela conhecia, e parecia-lhe justo que ela lhe sobrevivesse.

Além disso, Kidan esperava que, se fosse cordial com a casa, esta lhe permitisse dominá-la.

Etete abriu a porta da frente com um sorriso. Parecia ter estado a cozinhar, com marcas de farinha nos cotovelos escuros e o cabelo afro como uma pequena coroa sobre a cabeça. De imediato, a tensão nos ombros de Kidan diminuiu. O aroma inebriante a pão fresco dava-lhe as boas-vindas.

Kidan engoliu em seco, com um aperto no estômago. Olhou para a escada estreita que levava ao andar de cima.

— Ela está cá?

Etete pareceu perceber logo que ela se referia a June.

— Não, ainda está com a reitora.

Kidan suspirou de alívio, e sentiu soltar-se no estômago o nó que o medo atara. Logo após a chegada de June, a Reitora Faris convocara-a ao gabinete, sem dúvida para lhe exigir explicações sobre onde raios tinha andado e quais eram as suas intenções. Kidan também queria saber, mas só conseguiria pensar em June depois de tratar de Samson. Seria do interesse da irmã que ela libertasse um pouco da sua raiva antes de falarem.

Afastando esses pensamentos, Kidan agarrou o puxador da porta e tentou torcê-lo como antes.





*Vá lá, um pouco de força.*

Nem se mexeu, muito menos dobrou.

Ela cerrou o maxilar e tentou mais algumas vezes antes de desistir. Lá se ia a ideia de ser simpática com a casa. Teria de voltar a tentar mais tarde. Agora, havia trabalho a fazer.

Atravessou o corredor e arrastou uma cadeira para o centro da sala. Na gaveta da secretária de Susenyos havia fita-cola, e Kidan rasgou um pedaço com os dentes antes subir para a cadeira. Prendeu os balões ao teto, a igual distância uns dos outros.

Os movimentos suaves de Etete interromperam-lhe a tarefa.

— Devias esperar pelo *Dranaic* Susenyos.

— Ele pode não voltar — justificou Kidan, prosseguindo o trabalho.

Ela conseguia sentir o ardor do olhar preocupado de Etete. E a casa brilhava com a onda azulada da sua própria tristeza. Ignorou-a.

Só lhe restava esperar pelo regresso de Samson. Ao pensar nisso, Kidan sentiu os pés lambidos pelas chamas, a sala ampliava-lhe a raiva recém-descoberta. Sim, era aquilo que precisava de canalizar.

— Isto chegou para ti — disse Etete.

Nas mãos da cozinheira havia um envelope preto.

Kidan desceu da cadeira e aceitou-o devagar. Susenyos sempre adorara as suas cartas e, por um instante, o coração dela acelerou com a possibilidade de ser dele. Ainda guardava consigo a última carta que ele lhe escrevera. Mas aquele envelope tinha uns símbolos desconhecidos impressos — uma flor branca de cinco pétalas, uma pantera com presas, uma águia em pleno voo, um órix solitário e uma pedra preciosa azul. Ornamentavam a base de uma torre alta e misteriosa. Uma dor surda apoderou-se dela. Num sobressalto de alarme, Kidan percebeu que *estava* à espera dele. Devia sentir-se feliz por não ter ali aquela presença



arrogante e exigente. Na verdade, estava feliz. Até mesmo aliviada. Ao compasso de um suspiro irritado, ela rasgou o lacre.

*Felicitações pela graduação em Dranacti. Estamos  
radiantes com o teu progresso.*

*Uma vez mais, convidamos-te cordialmente à Torre  
Arcana para iniciares o teu cortejo. Quer te inclines  
para o Abismo, favoreças a Águia altaneira, prefiras  
a Pantera ao poderoso Oryx, ou simplesmente te  
deslumbre a Pedra Azul, a torre abre as suas portas  
para ti.*

*O cortejo tem início no sétimo dia de cada mês.*

*Aguardamos a tua resposta.*

*Calorosamente,  
As Sociedades Arcanas*

De sobrolho franzido, Kidan virou a carta frente e verso à procura de uma resposta.

— O que é isto?

— Um convite para casares — respondeu Etete. — Estão a pedir-te para ires encontrar um marido. Uma tradição antiga da Uxlay.

Um... Ela arregalou os olhos. Tinha apenas 19 anos, o casamento era a última coisa que lhe passava pela cabeça.

Aquilo só podia ser uma espécie de brincadeira.

Etete riu-se baixinho, sorrindo para ela como uma avó afetuosa e paciente. Kidan desviou o olhar e aclarou a garganta. Não gostava de ser recordada da família que nunca tivera. Mas era precisamente



o que aquele envelope fazia. A ideia de casamento aproximava-a dos pais de forma insuportável, as mãos entrelaçadas, a promessa de amarem Kidan e June até ao dia em que as abandonaram.

E tudo para morrerem antes do sexto aniversário das filhas. Podia ser irracional, mas, se os pais as tivessem amado verdadeiramente, algo tão simples como a morte não deveria mantê-los afastados. Por certo, não a teria afastado a ela.

Kidan inspirou fundo e empurrou as recordações dos pais para um canto escuro da mente, antes que a casa se pudesse agarrar a elas. Não adiantava revisitar aquela parte da sua vida.

— Diz «uma vez mais». — Kidan voltou a franzir o sobrolho. — Mas é a primeira vez que recebo esta carta.

Etete desviou os olhos para as escadas que conduziam ao andar de cima. Quando voltou a encarar Kidan, trazia um sorriso enigmático.

— O *Dranaic* Susenyos deitou fora a primeira.

Kidan estaria preparada para uma série de explicações. Que a carta se tinha extraviado. Que Etete se esquecera de lha entregar. *Susenyos* era a última coisa que lhe passaria pela cabeça.

— Deitou? — perguntou, friamente, tentando disfarçar a surpresa. — Quando?

— Creio que na noite em que lhe arrancaste as presas.

Desta vez, as palavras de Etete eram acompanhadas de um olhar incisivo. Kidan evitou-o, lutando contra o impulso de se desculpar.

— Pergunto-me por que razão não ma terá dado — disse em vez disso, passando o dedo pela carta com um ligeiro sorriso.

Etete observava-a com um ar divertido. Kidan endireitou os ombros de pronto e pigarreou.

— Não que isso me interesse. Honestamente, sou demasiado jovem para pensar em casamento.

— Não fiques tão infeliz. A tua mãe era igualzinha antes de conhecer o Aman.



Aquilo deixou Kidan em suspenso. Ouvira dizer que *actis* como ela só se casavam dentro das Sociedades Arcanas — um grupo de humanos normais do mundo exterior. Mas ela duvidava que alguém disposto a casar numa sociedade de vampiros/humanos fosse normal. No entanto, o pai, Aman, devia ter vindo das Sociedades Arcanas.

Com relutância, Kidan sentiu o interesse despertado.

— Tu conheces estas sociedades?

— Se conheço? — O riso de Etete enrugou-lhe o rosto envelhecido. — Eu vim delas.

— Espera, vieste?

— Alguma vez viste alguém beber-me o sangue? — Ela ergueu as sobrancelhas grisalhas. — Não sou *acti*. Casei com esta tua universidade.

Kidan abanou a cabeça, perplexa por ignorar tudo aquilo. No semestre anterior, estivera tão concentrada em encontrar June que não prestara atenção a mais nada. Não pudera dar-se a esse luxo.

— Eu era membro da Ordem da Águia — continuou Etete, numa voz oca e com os olhos fixos no símbolo da Águia por baixo da torre. — E a Águia casa-se sempre com as Casas Ajtaf, Makary ou Delarus. Depois de me divorciar, a tua avó encontrou uma lacuna que me permitiu ficar. Passei a servir aqui como cozinheira da casa e tenho-me mantido desde então.

A avó de Kidan era-lhe uma entidade distante, tal como a mãe. Morta antes que Kidan pudesse memorizar-lhe o amor. Os pensamentos sobre a família transbordavam-lhe da mente e derramavam-se nos cantos da memória. Sentia-os como fluido no cérebro, uma onda negra e espessa de perda, onde via refletida uma versão de si mesma que sorria com frequência porque as pessoas que mais amava a tinham amado o suficiente para permanecerem na sua vida.



*Concentra-te no presente*, disse a si própria com firmeza. *Nos que estão vivos.*

Olhar para os mortos não era diferente de ficar parada e deixar-se esmurrar repetidamente. Kidan preferia manter-se em movimento, de arma em punho. Amachucou a carta.

— Devias ir antes que ele regressasse — insistiu ela com Etete, sem conseguir evitar acrescentar: — Por favor.

A mulher suspirou e o som fez com que Kidan deixasse cair um pouco os ombros. Detestava desiludi-la. Mas Etete limpou a cozinha, mudou o lenço da cabeça e saiu.

Kidan quase a chamou de volta ao aperceber-se de que estava sozinha em casa. O tapete amolecia, como lama que a puxava pelos tornozelos, enquanto se deixava cair no sofá frio. A lareira não estava acesa. Era Susenyos quem habitualmente o fazia, e ela nem se tinha dado ao trabalho de aprender. Tinha um dos bolsos cheio de alfinetes, no outro, uma arma.

Estava tudo surpreendentemente calmo.

O suficiente para que ela soltasse um suspiro tímido.

Um erro.

A mobília escura e as almofadas caras desapareceram, e três visões ganharam vida, cada uma como uma lâmina que lhe trespassava o peito.

O cadáver de GK.

O último vídeo de June.

A ausência de Susenyos.

Kidan afundou-se no sofá, mais e mais, até parecer que não havia nada debaixo de si. Se ninguém a puxasse dali, sufocaria.

O observatório era onde a dor deveria estar. Não ali. Tentou mexer-se, mas tinha o corpo cheio de água. A única coisa pesada era a sua mente. Era Susenyos. Desde que partira, a casa tornara-se errática, deixando escapar uma emoção sobre a outra. Brincando com a sua percepção da realidade.

*Onde estás?*

Quando sentiu que os seus ossos começavam a dissolver-se, passos repentinos ecoaram no alpendre. Um arrepio de aviso atravessou a casa.

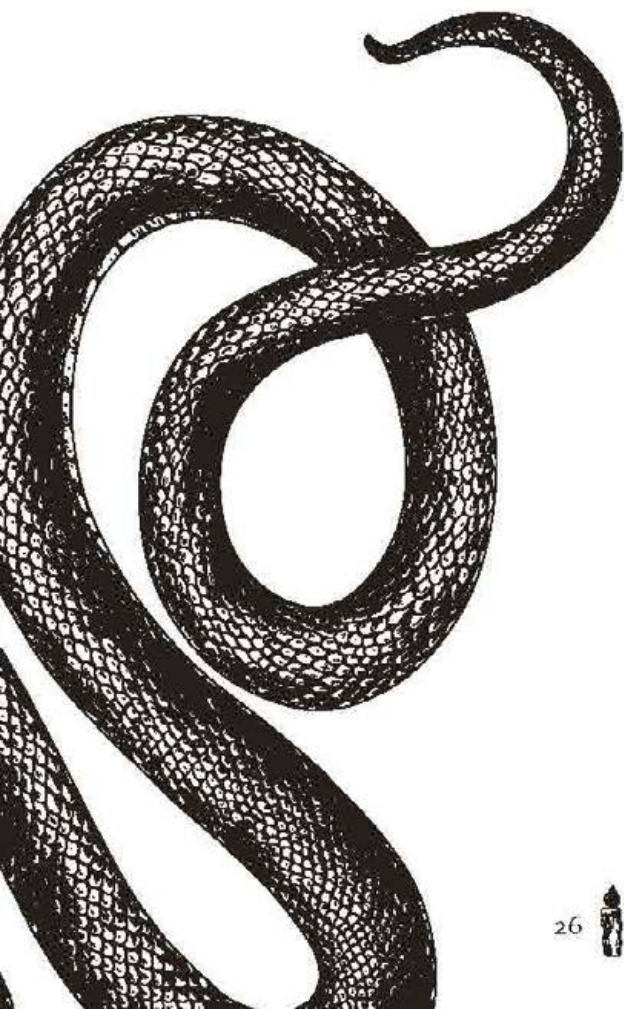
Como um enxame de insetos, as visões dispersaram.

Os pés de Kidan encontraram o chão. Sólido e flamejante.

Ela soltou várias respirações rápidas e curvou-se para a frente. Aquela sala sempre lhe alimentara a raiva, e estava de volta, enrolada nas suas pernas como a cauda de um dragão.

Endireitou-se lentamente e apertou a mão trémula em torno da arma.

Samson estava ali.





Como todas as coisas destrutivas,  
ele veio do abismo.



Kidan abraçou a escuridão dentro de si. Matou sem remorsos, mentiu e quebrou a lei mais sagrada ao convidar os vampiros renegados, os *Nefrasi*, para a Universidade de Uxlay.

Aprisionada a Susenyos, um vampiro violentamente instável, e perturbada com o regresso de June, a irmã dela, Kidan jura dominar a sua casa e proteger o artefacto sagrado ali escondido, mesmo que isso signifique forjar uma aliança com o líder depravado dos *Nefrasi* e trair Susenyos.

A medida que segredos devastadores se revelam, Kidan e June confrontam-se finalmente, assumindo os seus lugares na guerra iminente.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](#)  
[@secretsocietypt](#)  
[#seekthebutterfly](#)

ISBN: 978-989-569-474-1



9 789895 894741